

RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO DA PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

Cátia Alexandra André Da Silva

Aquisição das Regras na Educação Pré-Escolar

Provas destinadas à obtenção do grau de Mestre para a Qualificação para a
Docência em Educação Pré-Escolar



Instituto Superior de Educação e Ciências

Julho de 2013

INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS
Unidade Científico Pedagógica de Ciências da Educação

Provas para obtenção do grau de Mestre para a Qualificação para a Docência
em Educação Pré-Escolar

**RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO DO ENSINO DA PRÁTICA DE
ENSINO SUPERVISIONADA**

Aquisição das Regras na Educação Pré-Escolar

Autora: Cátia Alexandra André Da Silva

Orientador: Dr.^a Ana Ferreira

Co-Orientador: Dr. Nuno Amado

Julho de 2013

Agradecimentos

Quero agradecer em primeiro lugar a toda a minha família, filha, marido, mãe, irmão e sogra. Um agradecimento em especial à minha filha, pela compreensão e apoio que me deu, apesar de todo um período de ausência, numa das fases mais importantes da vida dela. Nunca desistiu de me apoiar, dar força e motivos para continuar. À minha mãe e irmão por sempre acreditar em mim e nunca me ter deixado desistir e, por ter demonstrado todo o seu apoio.

Agradeço também a duas amigas, Elsa Silva e Raquel Rodrigues, que sempre estiveram do meu lado, acreditando e dando força para continuar a lutar sem nunca perder as forças. Em especial à Raquel Rodrigues que todos os dias me apoiou e esteve do meu lado.

Às colegas de turma que também apoiaram e serviram de suporte para todas as dúvidas demonstrando um espírito de interajuda. Em especial à Inês Campos que me apoiou num percurso complicado neste ano letivo. Não posso esquecer da minha madrinha académica que sempre se dispôs em ajudar e esclarecer dúvidas.

Ao Colégio Valsassina por me ter recebido de braços abertos e por toda a sua disponibilidade. À equipa do Jardim de Infância, e em especial à minha educadora e auxiliar, que de tudo fizeram para que a minha prática corresse da melhor forma possível.

Ao Isec, nomeadamente a sua equipa de docentes, que me acompanharam, alguns, ao longo dos quatro anos, demonstrando não só o seu profissionalismo como docente mas sim um espírito de ajuda e companheirismo, disponibilizando as suas aulas para esta reta final tão importante.

Um muito obrigado a todos do fundo do meu coração.

Resumo

Este relatório relata essencialmente toda a prática desenvolvida ao longo deste ano letivo realizada no colégio Valsassina.

Após um período de observação e a realização de uma check-list, constatou-se alguma falta de regras sendo assim encontrada uma área de intervenção, a aquisição de regras na educação pré-escolar. Esta área insere-se na área de conteúdo, Formação Pessoal e Social.

Esta área será trabalhada numa sala com crianças de três anos de idade. Todas as atividades e estratégias foram ao encontro desta área. No final do ano letivo, realizou-se uma avaliação não só do grupo, a nível do desenvolvimento geral, como também da evolução nesta área abordada.

Como será descrito posteriormente, toda a intervenção teve resultados positivos, pois pode-se perceber que as regras foram adquiridas pelo grupo, com a ajuda de estratégias e atividades implementadas, levando a que esta aquisição fosse realizada da melhor forma possível. Sendo que o melhor seria algo construído e conversado com o grupo e não imposto.

Palavras-chave: Área de intervenção, crianças, Formação Pessoal e Social, Regras, Prática.

Índice

	Págs.
1. Introdução	1
2. Contextualização da Intervenção	3
2.1. Caracterização do Meio envolvente	3
2.2. Caracterização das Instituição	4
2.3. Caracterização da Sala	5
2.4. Caracterização do Grupo	7
2.4.1. Interação entre criança/criança	9
2.4.2. Interação entre criança/adulto	9
2.4.3. Interação entre criança/material	9
3. Perspetivas Educacionais	10
4. Intervenção	12
4.1. Área de Intervenção	12
4.2. Enquadramento teórico da área de intervenção	12
4.3. Prática desenvolvida	15

4.3.1. Objetivos previstos e alcançados	16
4.3.2. Cumprimento das atividades propostas	17
4.4. Atividades significativas em contexto de estágio	18
5. Avaliação	24
5.1. Avaliação do grupo	25
5.2. Reflexão crítica	26
5.3. Resultados	28
6. Conclusão	30
7. Referências Bibliográficas	31
8. Anexos	33

Índice de Anexos

Anexo A- Fichas de caracterização do Meio, Instituição e Sala

Anexo B- Check-list de grupo inicial

Anexo C- Plano Curricular de Turma

Anexo D- Planificação Curricular Anual

Anexo E- Fotografias da 1ª atividade significativa

Anexo F- Relatório diário nº41

Anexo G- Fotografias da 2ª atividade significativa

Anexo H- Relatório diário nº 19

Anexo I- Fotografias da 3ª atividade significativa

Anexo J- Relatório diário nº 4 e nº 5

Anexo K- Relatório diário nº 55 e nº 57

Anexo L- Check-list de grupo Final

Índice de figuras

Gráfico 1- Áreas de conteúdo

Gráfico 2- Registo das atividades

Figura 1- 1ª atividade significativa

Figura 2- 2ª atividade significativa

Figura 3- 3ª atividade significativa

Lista de Abreviaturas

Jardim de infância- JI

Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escola- OCEPE

Tecnologias de Informação e Comunicação- TIC

Projeto Curricular de Turma- PCT

Metas de Aprendizagem- MA

Planificação Curricular Anual- PCA

Perfis Específicos de Desempenho Profissional do Educador de Infância e do Professor do
1º Ciclo- PEDEIPC

Padrões de Desempenho Docente- PDD

1- Introdução

Este relatório está inserido no âmbito da prática desenvolvida ao longo do ano letivo, tendo como principal objetivo relatar toda a prática de ensino supervisionado do estágio curricular do Mestrado de Qualificação para a Docência em Educação Pré-Escolar.

O estágio foi realizado no Colégio Valsassina, numa sala de Jardim de Infância (JI), com crianças de três anos de idade. A prática foi realizada em três manhãs por semana, num período entre as 9h e as 13h.

O estágio é uma importante etapa na vida académica de cada aluno. Não só por ser o primeiro contacto com a atividade profissional, mas também porque é no estágio que nós colocamos em prática toda a teoria que aprendemos nas aulas. É também no estágio que nos apercebemos da realidade do dia-a-dia. Por este motivo será dado todo o profissionalismo em todas as sessões realizadas, quer seja na observação como na intervenção, sendo que o principal objetivo é proporcionar uma aprendizagem enriquecedora quer para o estagiário, quer para o grupo.

Na duração do estágio foi sempre tido em conta as necessidades do grupo e da criança na sua individualidade. Perante isto, definimos como área de intervenção prioritária a aquisição de regras na educação pré-escolar, aspeto que nos orientou na prática desenvolvida. Esta temática insere-se na área de Formação Pessoal e Social, sendo que esta é transversal a todas as áreas de conteúdo. O principal objetivo é proporcionar a aquisição de regras, como sendo fator de crescimento e de bem estar e não como imposição.

É importante referir que todas as outras áreas de conteúdo foram tidas em conta, pois como as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE), (2002) referem, a articulação das diferentes áreas de conteúdo, no que diz respeito à sua abordagem, devem-se integrar num processo flexível de aprendizagem que corresponda às intenções e objetivos educativos e que essencialmente faça sentido para a criança.

O relatório está dividido em oito capítulos. Começa pela introdução onde é feita uma breve apresentação ao relatório final, seguindo-se a contextualização onde são descritas as caracterizações do meio, instituição, sala e grupo. No terceiro capítulo encontram-se as perspetivas educacionais que se constituem como uma breve introdução à área de intervenção assim como objetivos para o decorrer do estágio. No capítulo quatro é apresentada a intervenção, nomeadamente todo o enquadramento teórico da temática estabelecida encontrada. Este capítulo está dividido por subcapítulos, além deste que já foi

referido é englobada a prática desenvolvida, os objetivos previstos e alcançados, cumprimento das atividades propostas e atividades significativas realizadas. No quinto capítulo encontra-se a avaliação, está também dividido por subcapítulos, onde é descrita a importância da avaliação e feita a avaliação do grupo, reflexão crítica englobando a autoavaliação da estagiária e os resultados do estágio em geral. No final, terminamos com a conclusão do relatório, referências bibliográficas de todo o documento e anexos pertinentes que complementam alguma informação fornecida.

2- Contextualização da Intervenção

A intervenção educativa desenvolvida no âmbito do estágio de prática supervisionada iniciou-se com um período de observação/caracterização/reflexão pretendendo-se conhecer e analisar o contexto educativo para posteriormente ser possível planejar a ação a desenvolver de forma contextualizada.

Assim e através de diferentes procedimentos metodológicos procedemos às caracterizações do Meio, Instituição, Sala e Grupo.

Para poder realizar as caracterizações, foram necessários alguns instrumentos de registos criados segundo Estrela (1994).(ANEXO A). O autor refere que:

“ A recolha de dados deverá ser efetuada de modo mais rigoroso possível, utilizando critérios que permitam não só selecionar fontes fidedignas, como também comprovar a objetividade dos dados obtidos a partir dessas fontes”. (p.69).

Para a recolha de dados foi usada a Observação, complementando-se com os instrumentos construídos. Segundo De Ketel (1980) Observar é “um processo que inclui a atenção voluntária e a inteligência, orientada por um objectivo terminal ou organizador e dirigido sobre um objecto para dele recolher informações.” (p. 27).

Realizou-se também uma entrevista à educadora da sala, com o intuito de saber a dinâmica da sala, nomeadamente o espaço e tempo. Os instrumentos utilizados foram adaptados de Cardona (2007). (ANEXO A).

2.1 Caracterização do Meio envolvente

O conhecimento do meio envolvente é importante para o educador integrar como um instrumento de análise adaptando assim a sua intervenção às crianças e ao meio social onde a instituição se insere, proporcionando, desta forma, uma excelente oportunidade de aprendizagem na área do Conhecimento do Mundo.

Segundo as OCEPE (2002), a localidade de onde as crianças provêm influencia indiretamente a educação das crianças. Desta forma, a abordagem sistémica e ecológica, uma vez que considera que o individuo que está a desenvolver, interage com diversos sistemas em constante evolução. Assim, esta perspectiva oferece elementos para que se

possa compreender melhor cada criança, conhecendo os sistemas em que se insere e respeitando as suas características. Contribui para a dinâmica do contexto da educação na interação com outros sistemas, permite a utilização e gestão integrada dos recursos da instituição e de recursos que existem no meio social podendo ser dinamizados. Oferece elementos para também acentuar o quão importante são as interações e relações entre os sistemas que têm indireta ou diretamente influência na educação, para que se possa tirar proveito das potencialidades e ultrapassar as limitações, podendo diversificar e alargar oportunidades educativas para as crianças.

A prática de ensino foi realizada no Colégio Valsassina, situando-se na Bela Vista, freguesia de Marvila e concelho de Lisboa.

O colégio é frequentado por crianças residentes fora da freguesia e oriundas de um meio socioculturalmente favorecido, contrariamente à maioria da população que aqui reside.

Embora o meio envolvente possa ser facilitador de novas aprendizagens, ao longo do ano verificou-se que as saídas das crianças para o exterior do colégio foram frequentes mas exteriores à Freguesia tendo sido realizadas visitas a museus, teatros e outros recursos culturais da cidade de Lisboa, tendo como objetivo alargar as experiências e conhecer realidades diferentes das vivências diárias em contexto de sala de aula.

2.2 Caracterização da Instituição

Para desenvolver uma prática educativa adequada, deve-se conhecer a instituição onde as crianças estão inseridas.

A designação atual é Colégio Valsassina, situado na Quinta das Teresinhas na Bela Vista/Chelas.

É um colégio particular, que ministra o ensino dos vários ciclos, desde o pré-escolar ao ensino secundário.

Na perspetiva de Nóvoa (1992), existem três áreas de intervenção nas instituições. A área escolar integrando as decisões que liga a instituição ao projeto educativo, envolvendo os pais e os agentes educativos. A área pedagógica compreendendo o trabalho que se desenvolve dentro da sala de aula, integrando a relação de professor e alunos. E, por fim, a área profissional compreendendo assuntos com o desenvolvimento profissional dos docentes.

O mesmo autor refere que as instituições são criadas como espaços de formação e produto de saberes.

Posto isto e conforme o Projeto Educativo, o colégio foi fundado com o objetivo de não limitar a educação ao ensino, mas sim complementar pelos conhecimentos da vida.

O principal objetivo é o crescimento harmonioso do aluno que compreende o respeito pelos valores dos direitos fundamentais da pessoa humana. O conceito de educação, para além de transmitir conhecimentos é dar oportunidade através da experiência e vivência, uma tomada de consciência do conhecimento do próprio “eu”, reconhecimento do papel que cada individuo desempenha na sociedade, o respeito pelas diferenças culturais, religiosas e ideológicas.

Funcionando numa quinta privilegia o desenvolvimento equilibrado e harmonioso dos alunos e a defesa da natureza e do respeito pelo ambiente.

A valência de JI é constituída por nove salas. Tem uma coordenadora pedagógica e é assegurada por uma psicóloga, nove educadoras, seis auxiliares, quatro funcionárias da limpeza/vigilantes e professores de atividades extracurriculares (Educação Física, Inglês, Música, Filosofia e Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC)). Estas fazem parte do currículo estabelecido no colégio para o JI, embora seja desenvolvido por professores da área. As duas últimas atividades referidas anteriormente são apenas para as crianças de 5 anos.

Fora do horário letivo as crianças podem ainda usufruir de outras atividades como: teatro musical, música rock, desportos coletivos, canto, entre outras.

O horário de funcionamento do JI é a partir das 8h até às 17h. Havendo prolongamento até às 18h30.

2.3. Caracterização da Sala

O conhecimento em como o espaço e os materiais, por parte das crianças, está organizado é uma condição para a evolução da autonomia das mesmas, assim como, para a sua responsabilização, no sentido em que poderão escolher e utilizar o material de diferentes formas.

Segundo as OCEPE (2002), o espaço de sala, em pré-escolar, pode ser organizado de diversas formas, podendo ser condicionado ao que a criança pode fazer e aprender, nomeadamente em relação ao equipamento e materiais existentes.

A sala está disposta por áreas, a área da casinha, garagem, biblioteca, jogos e construções, tapete e mesas para realizar as atividades.

A organização do espaço e materiais foi definida pela educadora e pela auxiliar ao início do ano letivo, tendo em conta que seria um grupo novo que viria e muitos deles poderia ser a primeira vez a frequentar uma instituição.

Esta organização não é feita com as crianças, sendo que a prioridade inicial é a aquisição de regras. Foi referido que caso houvesse necessidade poderia surgir alguma mudança na organização do espaço.

Todos os brinquedos e materiais didáticos estão ao alcance das crianças, com a exceção das canetas e lápis de cor, que estão em cima de um móvel. O equipamento está visível mas não está identificado, por exemplo, as áreas e os materiais. Todo o espaço da sala tem um equipamento próprio para arrumação. A casinha tem cestos, prateleiras para arrumarem os objetos que dela fazem parte. O móvel onde estão os materiais didáticos, apesar de não estarem ao alcance das crianças, está devidamente arrumado em caixas, por baixo desse móvel estão caixas para arrumação dos pertences deles, muda de roupa, entre outros.

Na entrada da porta tem um placard de recados para os pais e para a educadora. Existem três expositores de trabalhos das crianças e um mapa de presenças afixado. O móvel da biblioteca tem livros de um lado e do outro material didático para as crianças.

A organização da sequência diária das atividades foi definida pela educadora com a auxiliar, não foi definido com o grupo, pelo mesmo motivo que foi dado na organização do espaço.

O horário letivo é das nove às dezasseis horas, sendo o almoço às onze horas e trinta minutos e o lanche às quinze e trinta minutos. Para o horário de entrada é dada alguma tolerância atendendo à dificuldade de alguns pais no cumprimento do mesmo.

A organização da sequência diária das atividades foi definida conjuntamente pela educadora com a auxiliar.

O projeto curricular de turma (PCT) foi delineado conjuntamente pelas três educadoras das salas que atendem crianças de três anos, pelo que é igual para as três salas. Semanalmente as educadoras reúnem-se para avaliar o trabalho desenvolvido e definir a planificação.

Em todas as áreas se reflete a intencionalidade educativa que segundo as OCEPE (2002) “exige que o educador reflita sobre a sua ação e a forma como adequa às necessidades das crianças” (p.93), verificando-se que os materiais estão devidamente organizados facilitando a aprendizagem da arrumação e arranjo.

A exposição dos trabalhos efetuados pelas crianças é feita em três expositores de parede existentes, existindo ainda um *placard* destinado à troca de informação entre os pais e a educadora.

2.4. Caracterização do Grupo

Como foi referido no início deste capítulo, a observação serviu de metodologia para poder realizar uma avaliação sobre o grupo e de cada criança individualmente. Sendo que, através desta conhecemos os interesses, capacidades e dificuldades do grupo, ou de cada criança, para poder adequar o processo educativo às necessidades sentidas. O conhecimento e evolução da criança constitui a base da diferenciação pedagógica, sabendo o que a criança sabe e do que é capaz de fazer para poder alargar os interesses e desenvolver as potencialidades.

Segundo as OCEPE (2002) a avaliação realizada, ou seja, a importância de conhecer a criança e o grupo além de ser uma base de avaliação para o educador, após uma reflexão possibilita que se estabeleça uma progressão nas atividades que se deve desenvolver. O planeamento deverá ser realizado tendo em conta o grupo, pois é tido em conta as características individuais oferecendo a cada criança condições que estimulem o processo de desenvolvimento e de aprendizagem.

Esta caracterização foi baseada nas sessões iniciais de estágio, tendo sido organizada uma check-list. (ANEXO B). Segundo De Landsheere (1975) este instrumento é uma grelha de observação criada para registar e sistematizar dados. É utilizada para analisar reações de alunos, métodos de trabalho, entre outros. Neste caso em particular serviu para analisar as competências das crianças. (citado por Estrela, 1994, p.5).

Este instrumento foi criado com a intenção de conhecer um pouco o desenvolvimento de cada criança com base nas Metas de Aprendizagem (MA) (2010) nomeadamente as áreas de conteúdo.

No início do estágio o grupo era constituído por dezassete crianças, nove raparigas e oito rapazes. É um grupo heterogéneo, pois as idades variam entre os dois e os três anos, havendo três crianças que fazem os três anos entre Novembro e Dezembro.

É um grupo novo no colégio sendo que algumas crianças vieram de casa e outras de instituições diferentes.

No início do ano as crianças apresentavam, de um modo geral, dificuldades no cumprimento das regras, não sabendo esperar pela sua vez para falar, na arrumação dos materiais, na utilização dos mesmos e correndo na sala de aula. Nesta área existiam algumas lacunas, por parte do grupo em geral. Sendo esta, uma área a privilegiar posteriormente.

Apesar das dificuldades manifestadas por algumas crianças na concentração necessária ao desenvolvimento das atividades propostas, estas mostravam entusiasmo e interesse.

A nível da linguagem estavam dentro do esperado para a faixa etária, ou seja, todos conseguem construir frases complexas e corretas, percebem a informação que recebem por parte do adulto, dialogam com o adulto ou com outra criança. Gostam de participar nas conversas de tapete, respondendo ao que a educadora pergunta. Havendo algumas exceções de duas ou três crianças, que demonstravam alguma dificuldade em expressarem-se.

A nível motor também se encontravam dentro do esperado para a faixa etária, pois conseguem deslocar-se em corrida realizam percursos, onde rastejam, saltam e mantêm o equilíbrio.

Revelam uma grande autonomia, vão sozinhos à casa de banho, onde efetuam a sua higiene, vão para o refeitório e para o ginásio sozinhos, apenas com a educadora e auxiliar a acompanhar. Nas refeições comem sozinhos, havendo uma ou outra criança que seja preciso ajudar no fim. Existe apenas um caso em que a criança precisa de ajuda na refeição. Conseguem por norma vestir e despir o bibe sozinhos, por vezes é necessário ajudar a desapertar os botões quando surge alguma dificuldade por parte da criança.

2.4.1 Interação entre criança/criança

De uma forma geral, todos estabeleceram uma boa relação, ou seja, relacionam-se e interagem de forma positiva. Nas observações efetuadas inicialmente notou-se a separação do grupo de rapazes e do grupo de raparigas em momentos de recreio. Existe apenas uma

criança que se isola e prefere apenas a companhia de um outro colega, e quando este não está isola-se.

Em atividades relacionam-se uns com os outros e existe um espírito de autoajuda quando por acaso algum colega manifesta dificuldade em realizar alguma tarefa.

2.4.2. Interação entre criança/adulto

As crianças estabeleceram facilmente relação com os adultos que favoreceram a interação positiva através do desenvolvimento dos afetos e na promoção da resolução de conflitos.

2.4.3. Interação entre criança/material

O grupo tem uma boa relação com os materiais da sala de aula. Não está ao alcance deles, nomeadamente o material didático. Os materiais lúdicos, estando ao alcance das crianças, permitindo a sua livre escolha o que, algumas vezes se torna motivo de conflito pela dificuldade ainda verificada na sua partilha.

3. Perspetivas Educacionais

Após as sessões de estágio de observação realizadas, uma análise às reflexões, aos dados de caracterização, nomeadamente à caracterização de grupo e de sala. Foi construída uma check-list com as competências do grupo de forma a poder fazer uma avaliação em todas as áreas de desenvolvimento.

Neste sentido, depois de se construir a check-list e analisá-la, foi constatada e salientada a dificuldade das crianças do grupo relativamente à disciplina. Apesar de ser um grupo calmo como foi referido nas caracterizações de grupo, ainda existem algumas lacunas no cumprimento de regras. Nas atividades desenvolvidas no tapete, as crianças ainda manifestavam dificuldade, nomeadamente em esperar pela sua vez para responder, ainda falavam ao mesmo tempo e, por vezes, elevavam o tom de voz para poderem ser os primeiros a responder. Existia também alguma dificuldade quando, por exemplo, a pergunta é dirigida à IF e algumas crianças respondiam sem ser a vez delas, revelando dificuldade em respeitar o outro. Por vezes corriam na sala, não guardavam os brinquedos na gaveta como é suposto quando estão em atividades, pois só podem brincar com estes quando vão para o recreio. No atelier sabiam que tinham de colocar a mão por baixo do pincel quando vão molhá-lo com tinta, não podiam misturar as cores, e por vezes, foi observado algumas crianças a não cumprirem estas regras. Em qualquer atividade, esperam com as mãos atrás das costas, que o material seja distribuído para começarem todos ao mesmo tempo, e a maioria das vezes isso não acontece, pois alguns elementos por norma mexem no material ou começam a atividade antes de ter permissão.

Esse facto poderá derivar da fase de desenvolvimento em que estão. Segundo Piaget (1947) as crianças desta faixa etária, 3 anos, estão no estágio de desenvolvimento Pré-Operatório. É típico neste estágio o Egocentrismo, pois segundo o autor existe uma confusão no pensamento da própria criança com o dos outros e com o que a rodeia, ou seja, têm dificuldade em serem conscientes do próprio pensamento e são indiferentes ao EU e ao mundo exterior. Apenas têm em conta o seu ponto de vista, não percebem que por vezes o que fazem ou dizem magoam os outros. Este facto leva a que a criança tenha uma percepção e interesse apenas por ele próprio. Sente-se no centro do mundo.

Kohlberg (1995) refere que no I estágio de Desenvolvimento moral, nomeadamente Moralidade Pré-Convencional “a obediência e as decisões morais são baseadas em formas de poder muito simples, de tipo físico e material.” (p.171). O comportamento da criança é

baseado no desejo de evitar que seja punido pela parte do educador, ou seja, o medo que a criança tem dessa mesma punição domina os motivos. O mesmo autor refere também que a criança apenas se preocupa com ela própria, demonstrando assim como Piaget (1947) refere a fase do Egocentrismo.

Tendo em conta, os aspetos revelados, consideramos que a área a privilegiar ao longo do estágio será a área da Formação Pessoal e Social.

Pretendeu-se que ao longo do estágio, seja possível proporcionar o desenvolvimento de competências na área da Formação Pessoal e Social, nomeadamente na compreensão da importância das regras assim como o respeito pelo outro. Explorando também em conjunto com as crianças regras, podendo ou não elaborar novas regras, para que as aceitem e não as vejam como algo proibido mas sim construtivo.

Para além desta área será tido em conta as restantes áreas de desenvolvimento.

As atividades estarão relacionadas com o PCT, (ANEXO C) e a Planificação Curricular Anual (PCA), (ANEXO D), construída no início do ano, logo após a fase de observações. Nesta planificação estarão englobadas todas as áreas de desenvolvimento, consoante a temática abordada na sala de aula.

4. Intervenção

4.1. Área de Intervenção

Foi constatado a área de intervenção prioritária na sala dos 3 anos. A Disciplina, nomeadamente as Regras e o Respeito, pois como se pode observar nos registos feitos aquando as observações, nomeadamente as caracterizações, percebeu-se alguma dificuldade no cumprimento de regras, o que leva por vezes a falta de respeito pelos outros, ou seja, pelos colegas de turma. Em situações como quando estão no tapete em que não respeitam a vez do colega intervir, falam todos ao mesmo tempo, levando a que o educador/adulto não perceba o que as crianças estão a dizer, haja alguma desordem e percam facilmente a concentração pelo assunto que está a ser tratado.

A principal área a trabalhar será a área emocional e social, sendo estas também fundamentais para a convivência da criança quer seja em grande ou em pequeno grupo. Tal como afirma Katz e Chard, (2009),

“Um dos objectivos principais deste tipo de aprendizagem é desenvolver a mente das crianças pequenas. Num sentido mais lato, o conceito de mente inclui não apenas os saberes e as competências, mas também a sensibilidade social, emocional, moral, estética e espiritual.” (p. 7-8).

4.2. Enquadramento Teórico da Área de Intervenção

Uma vez encontrada a Área de Intervenção prioritária referida nos pontos anteriores, será em primeiro lugar pertinente definir o termo Disciplina, sendo um conjunto de regras ou ordens que regem os comportamentos de uma pessoa, neste contexto será das crianças, controlar um determinado comportamento respeitando as regras, está também associado o castigo. (<http://www.infopedia.pt/pesquisa-global/disciplina>, acedido a 10 de Janeiro de 2013).

Segundo Spodek & Saracho (1998) existem três tipos distintos de disciplina. Estes são a “disciplina da natureza – como as coisas funcionam” (Spodek & Saracho, 1998, p.157), ou seja, quando as crianças aprendem algo novo, constroem ou restauram materiais, entre outros. E aprendem a disciplina da natureza “através de uma leitura da realidade” (Spodek

& Saracho, 1998, p. 157), podemos assim dizer que esta disciplina é adquirida através da interação com o meio e os materiais existentes, sendo uma disciplina de descoberta e de compreender como tudo o que a rodeia funcionam. A “disciplina da sociedade – como os adultos se comportam na cultura” (Spodek & Saracho, 1998, P. 157), implica que este comportamento irá influenciar e produzir efeito nos meios sociais, nos quais a criança está inserida observando-os e aprendendo com os seus atos.

Por último, “os adultos impõem o terceiro tipo de disciplina – a coerção para proteger as crianças das consequências não antecipadas dos seus atos” (Spodek & Saracho, 1998, p. 157), o adulto por saber o que vai suceder tenta evitar que a criança siga determinado caminho, com o intuito de a proteger. Porém, esta forma de proteção que o adulto utiliza poderá, não ser a mais apropriada se não for bem explicada, pois o importante é a criança compreender porque determinada atitude é desadequada e até perigosa para si e para os outros. Muitas das consequências têm de ser experienciadas pela criança, para que possa compreender que os seus atos produzem efeitos, contudo, há determinadas situações que por serem realmente perigosas devem ser prevenidas pelo adulto. Por sua vez, “a coerção é, em si mesma inadequada” (Spodek & Saracho, 1998, p. 157), como tal, o adulto deve evitar recorrer à imposição para que exista disciplina.

É importante também salientar a importância deste tema, pois segundo o Decreto-lei nº 5/97, de 10 de Fevereiro, artigo 10, um dos objetivos no pré-escolar é “promover o desenvolvimento pessoal e social da criança com base em experiências de vida democrática numa perspetiva de educação para a cidadania.” Desta forma, segundo as OCEPE (2002) a criança tem uma “plena inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário” (p. 20).

Uma das áreas previstas nas OCEPE (2002), é a Formação Pessoal e Social, sendo esta transversal às restantes áreas mencionadas, pois todas contribuem para promover atitudes e valores sendo conscientes e capazes de resolver conflitos no dia a dia.

As OCEPE (2002) referem que esta área pressupõe que,

“O ser humano se constrói em interação social, sendo influenciado e influenciando o meio que rodeia. É nos contextos sociais em que vive, nas relações e interações com outros, que a criança vai interiormente construindo referências que lhe permitem compreender o que está certo e errado, o que pode ou não pode fazer, os direitos e deveres para consigo e para com os outros.” (p. 51-52).

Segundo Hohmann & Weikart (2009), desde o início da sua vida e através das experiências das crianças com as pessoas que a rodeiam influenciam o modo com ela se vê a si própria e como interage com as pessoas em diferentes situações.

Respetivamente ao respeito pelo outro a criança nesta faixa etária ainda tem alguma dificuldade, pois ainda se encontra na fase do Egocentrismo, ou seja, muito centrada nela própria, não só ainda não tem adquirido o respeito pelo colega como pela Natureza, nomeadamente as plantas e árvores como foi também observado, esses hábitos partem dos pais ou do educador que deverão ensiná-los demonstrando como cuidar e tratar não só a natureza como também os colegas.

Segundo Piaget (1973) todo o desenvolvimento moral na criança consiste num “sistema de regras, sendo da essência da moralidade estudar o respeito que o individuo vai adquirindo por essas regras” (p. 20).

Acima de tudo é importante que as crianças compreendam o porquê de não poder fazer isto e aquilo. Ao invés de estarmos constantemente a colocar limites nas suas ações e como referem Spodek e Saracho, (1998) “dizerem às crianças como se comportarem sem explicações [assim] estão ensinando que o bom comportamento tem suas raízes nas ordens das autoridades” (p. 157). Contudo, é necessário existirem limites, pois quando tal não ocorre as crianças poderão aprender que os seus desejos internos determinam o comportamento adequado.

Segundo Brazelton (1995) as regras definem o comportamento que esperam de nós, pois uma criança quando é demasiado persistente em não cumprir regras acaba por ser indesejada pelas outras, principalmente pelos colegas.

Como tal, é de todo benéfico que a criança realmente compreenda qual a necessidade para a existência de regras, mas para que tal ocorra e como refere Vinha (2003), “é preciso que interaja com situações em que vivenciará os mesmos princípios que queremos ensinar” (p. 5).

O papel do adulto é essencial neste momento de aprendizagem, pois deverá ajudar a associar uma sensação de bem-estar ao cumprimento das regras e deve refletir com a criança as consequências naturais do seu não cumprimento. Para todo este processo é essencial o envolvimento da criança e a constante reflexão com o auxílio do adulto. O objetivo é que as crianças compreendam a necessidade da existência de regras e que as cumpram sem serem obrigadas.

4.3. Prática desenvolvida

Neste capítulo pretende-se essencialmente descrever toda a prática desenvolvida ao longo do ano de estágio. Não só em relação à área prioritária como também no geral.

Segundo os Perfis Específicos de Desempenho profissional do Educador de Infância e do Professor do 1º ciclo (PEDEIPC) (2001),

“...O educador de infância concebe e desenvolve o respectivo currículo, através da planificação, organização e avaliação do ambiente educativo, bem como das actividades e projectos curriculares, com vista à construção de aprendizagens integradas.”

Como foi proposto inicialmente um dos principais objetivos era o de construir as regras com o grupo e pretender que este as alcançasse não como imposta mas sim compreendida.

Em cada atividade realizada esta área estava presente, por exemplo, se numa conversa todos estivessem a falar ao mesmo tempo era referido que assim não era possível continuar, pois nem os colegas nem o adulto percebiam o que estava a ser dito. As estratégias utilizadas neste aspeto foram indicadas, pois antes de referir “Não podem fazer isto!”, era perguntado se achavam que devíamos continuar ou até mesmo se alguém estava a perceber o que o colega estava a falar. Provando assim, como já foi referido, que se as regras foram construídas e interiorizadas por eles seria muito mais enriquecedor. Apesar de algumas regras já existirem desde o início do ano, construídas pela educadora, foram criadas novas com o grupo. Construímos em conjunto, a estratégia de colocar o dedo no ar quando alguma criança quisesse falar, levando assim a que o outro fosse respeitado. No final do ano esta estratégia já era automática, sempre que era feita alguma pergunta o grupo colocava o dedo no ar e esperava pela sua vez para falar.

Não foram construídas atividades propositadas, ou seja, como já foi referido, sendo esta área transversal, não foi necessário criar atividades apenas com a intenção de trabalhá-la. Esta estava presente nas conversas de tapete, atividades práticas, refeitório, atelier e saídas e entradas para as salas de aula (higiene). Era sempre enfatizado as regras antes e depois de cada atividade ou rotina. Existiram também muitas conversas de tapete onde este assunto era abordado, tendo sempre em conta a opinião deles.

4.3.1. Objetivos previstos e alcançados

Como foi referido anteriormente, pretendeu-se trabalhar não só a área de intervenção como todas as áreas de desenvolvimento segundo as MA (2010).

O gráfico abaixo representa as áreas trabalhadas ao longo da prática.

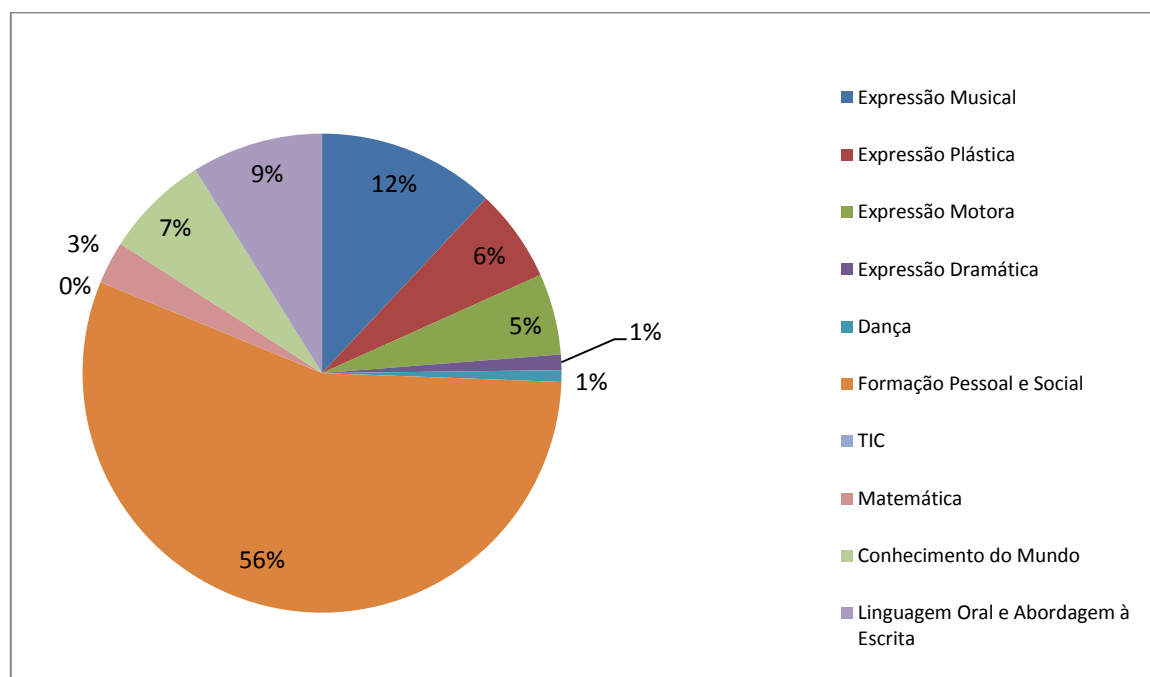


Gráfico 1- Áreas de conteúdo

Como podemos observar no gráfico, houve áreas que foram mais trabalhadas e uma que não foi trabalhada. É o caso da Área TIC. Esta não foi trabalhada, pois na sala de aula não existem meios nem materiais para tal. Outro motivo é o facto da Instituição apenas privilegiar esta área nos cinco anos.

De facto, a área mais desenvolvida foi a Formação Pessoal e Social. Acontece essencialmente não só sendo uma área prioritária, mas também como sendo uma área transversal. Quer isto dizer, que qualquer atividade realizada ao longo do ano, mesmo que englobasse as restantes áreas, esta estava sempre presente, quer seja em conversas, jogos ou histórias.

A dança também não foi muito abordada, pois por vezes, a dinâmica da sala não permitia que fosse possível. Sempre que era planificada alguma atividade, esta era sempre

consultada com a educadora e como a própria referia nem sempre era a mais indicada, devido ao motivo referido anteriormente.

Uma das áreas mais trabalhadas foi a de Expressão Musical, devendo-se ao facto de fazer parte da rotina. Todos os dias, à exceção de quarta feira, o grupo reunia-se no tapete e cantávamos o Bom Dia e outras canções. Apesar de ser uma rotina foi sempre contabilizada, visto tratar-se de uma atividade da igual forma de todas as outras atividades planificadas.

4.3.2. Cumprimento de atividades propostas

Ao longo do estágio foi sempre necessário planificar. Nem sempre o que foi planificado foi realizado, pois ao longo do dia existem sempre imprevistos que nos fazem alterar a nossa prática, por diversos motivos.

De seguida, segue o gráfico de registo das atividades planificadas no PCA.

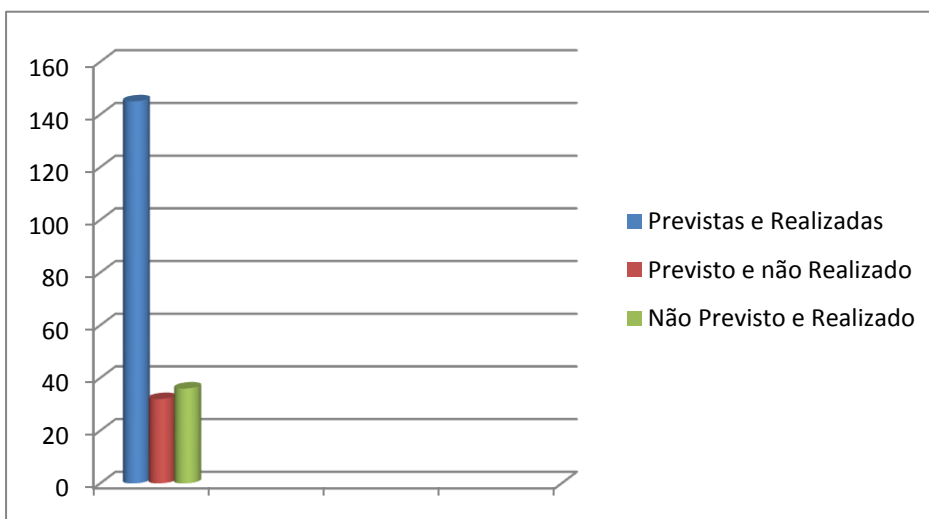


Gráfico 2- Registo das atividades

Como podemos observar, as atividades previstas foram realizadas na sua maioria. Havendo algumas exceções. Por sugestão da educadora cooperante, no início do terceiro período, as atividades foram realizadas consoante o Plano Semanal elaborado pelas educadoras dos três anos. Este foi um dos motivos pelos quais não se realizou algumas das

temáticas contempladas na PCA. Visitas de estudo e dias festivos foram também motivos para a não realização de atividades previstas.

Por outro lado verifica-se que algumas atividades inicialmente previstas não foram implementadas porque, por vezes, o grupo ou alguma criança em específico pedia alguma atividade, por exemplo, uma história ou um jogo.

Por este aspeto, observa-se alguma flexibilidade durante a prática. Pois como referem os PEDEIPC (2001), o educador deve planificar de forma integrada e flexível, tendo em conta alguns fatores, como as propostas explícitas ou implícitas do grupo ou da criança e também os temas imprevistos durante todo o processo educativo.

4.4. Atividades significativas em contexto de estágio

Todas as atividades realizadas foram significativas, a partir do momento em que o objetivo foi cumprido. Este objetivo são as competências trabalhadas e adquiridas numa determinada atividade.

Serão aqui descritas algumas atividades desenvolvidas durante o estágio, nomeadamente o que foi realizado e a sua intenção.

1ª Atividade

Esta primeira atividade foi ao encontro da área de intervenção. Tinha como objetivo criar uma nova dinâmica nas brincadeiras das áreas e, desta forma, algumas regras. As poucas vezes que foram observadas estas brincadeiras, constatou-se que as regras não estavam muito bem adquiridas. Através de algumas temáticas já abordadas, nomeadamente as formas geométricas, cores e figura humana, criou-se uma forma e uma cor para cada área, esta decisão foi escolhida por eles, à exceção das cores. O número de crianças que poderia estar em cada área foi também construída pelo grupo, apenas era dado alguma orientação. Cada criança ficou responsável por uma forma geométrica e tinham de desenhar a figura humana, pois cada cartão representava uma criança. A verdadeira intenção desta atividade era que sempre que estivessem a brincar nas áreas teriam de colar o cartão (forma geométrica), para que os restantes colegas soubessem que a área já estava cheia e sempre que trocassem de área tinham de retirar o cartão deixando assim a área disponível para outro colega. Pode-se observar este facto na figura em baixo e nas restantes que se encontram em anexo (ANEXO E). Além de ser trabalhada a área prioritária foi possível

trabalhar outras áreas, como a Expressão Plástica, Matemática e Conhecimento do Mundo. Esta dinâmica foi trabalhada pelo menos uma vez por semana até ao final do estágio, onde se observou uma grande evolução no grupo. Inicialmente foi um pouco confuso para todos, e foi muito necessário o acompanhamento do adulto, aos poucos o grupo entrou na dinâmica e já realizavam as tarefas a que se tinham comprometido de forma autónoma, sem precisarem da ajuda do adulto. Houve algumas exceções, da parte de três crianças, que ainda precisavam do adulto. Esta atividade encontra-se descrita mais pormenorizadamente em anexo. (ANEXO F).



Figura 1- 1ª atividade

2ª Atividade

A segunda também foi um pouco ao encontro da área de Formação Pessoal e Social é à temática incluída no PCT e na PCA. A temática abordada era os Animais Domésticos, e como estratégia utilizada, levou-se um pássaro para a sala de aula, onde eles pudessem desenvolver a responsabilidade de cuidar de um animal. Visto que se conversou sobre o pássaro, foi pertinente ter este animal na sala. Foi escolhido um nome pelas crianças, Red, como se pode ver na figura em baixo (figura 2). Depois de conversar sobre as características do próprio, todos os dias ao fim da manhã, cada criança ficaria responsável por cuidar dele. No primeiro dia, esta tarefa foi realizada com todos, pois foi explicado todos os passos do que seria feito diariamente, ou seja, tínhamos de dar água, comida, vitaminas e lavar a gaiola. Foi criado um mapa, de duas entradas, com os dias da semana e fotografia e nome das crianças. Como marcador estava uma fotografia do pássaro. Todas as segundas feiras, pedia-se voluntários para ir com o adulto, inicialmente fez-se questão que não se repetissem crianças, para dar oportunidade a todos, mas este facto manteve-se pois até ao final do ano todos queriam participar nesta tarefa. Em anexo encontram-se mais imagens sobre esta atividade (ANEXO G). A principal dificuldade foi nos restantes dias, na quinta e sexta feira, visto a estagiária não estar presente, mas o grupo sabia que como esta não estava presente a criança responsável por esse dia teria de se responsabilizar e não se esquecer em realizar esta tarefa. Em anexo encontra-se o relatório diário onde está descrita a atividade. (ANEXO H).



Figura 2- 2ª atividade

3ª Atividade

A atividade foi realizada logo no início da intervenção, seguindo a planificação semanal da educadora. Como esta estava a trabalhar os blocos lógicos e a figura humana, foi pensada uma atividade onde se pudesse complementar as duas, contemplando assim a Área da Matemática e do Conhecimento do Mundo. Numa primeira parte explorou-se os blocos lógicos, onde foi apresentado uma segunda vez ao grupo. Nesta altura foi um pouco complicado e foi preciso o apoio da educadora. Construiu-se uma figura humana e outros objetos do dia a dia, por exemplo, uma casa ou flor. Para as crianças identificarem o objeto. Na segunda parte, foram criados blocos lógicos em cartolina de várias cores e tamanhos, e cada criança teria de construir a figura humana, a uma dada altura a educadora sugeriu que cada um fizesse livremente o que desejasse, mas o grupo acabou por construir o que foi proposto inicialmente. O resultado final foi muito enriquecedor quer para a estagiária quer para o grupo, pois percebeu-se que já tinham as partes do corpo muito bem

perceptíveis, inclusive algumas crianças já acrescentavam pormenores do dia a dia, como a relva, por exemplo. É possível perceber este resultado pela imagem que se encontra em baixo e nas imagens que se encontram em anexo. (ANEXO I). Colocou-se em anexo também os relatórios diários destas duas sessões de intervenção. (ANEXO J).



Figura 3- 3ª atividade

4ª Atividade

Esta última atividade escolhida como significativa foi realizada na Área da Linguagem, nomeadamente a Consciência Fonológica, pois foi observado ao longo do estágio que esta área não era muito trabalhada.

A temática abordada na altura era a Primavera, e pensou-se em criar um cartaz, com esta palavra escrita. Em cada letra teriam de dizer palavras do dia a dia que começassem pela respetiva letra que estava a ser falada. Foi realizada em dois dias, pois houve necessidade de terminá-la no primeiro dia, além de já não haver mais tempo porque iam almoçar o grupo já estava a demonstrar alguma desconcentração e irrequietação, passando assim para a semana seguinte. Nesta atividade foi necessário recorrer a diversas estratégias, uma delas foi o uso de imagens presentes na sala ou no recreio, outra foi o uso de pistas, por exemplo, o morango foi referido que era uma fruta que costumavam comer na hora do almoço. As letras mais conhecidas eram as que alguns colegas tinham no nome, como, MIM, MC, ou

IF, os próprios procuravam os nomes nos bibes para descobrirem as palavras. No final, as letras foram repetidas e à medida que eram apontadas o grupo tinha de dizer que letra era. De uma forma geral, a atividade foi gratificante no sentido em que o grupo mostrou empenho em realizá-la e participar, e tendo em conta que existia alguma insegurança em realizá-la, pois como foi referido inicialmente esta área nunca foi trabalhada. Além disto foi possível trabalhar a aquisição de regras, pois sempre que queriam falar tinham de colocar o dedo no ar. Esta atividade encontra-se descrita nos relatórios diários que seguem em anexo. (ANEXO K).

5. Avaliação

A avaliação é realizada em qualquer contexto, ou seja, em qualquer momento de interação ou em qualquer atividade assim como na observação que permita ao educador a recolha de informação sobre uma criança e sobre o grupo, tendo como finalidade registrar evidências das aprendizagens realizadas pelas crianças permitindo avaliar os seus progressos assim como a sua evolução, desta forma é possível recolher elementos concretos para a reflexão e adequar a sua intervenção educativa, podendo então concluir que a avaliação é um processo muito importante, pois segundo as OCEPE (2002), deve-se avaliar os processos para tomar consciência da ação e adequar o processo educativo às necessidades do grupo assim como a evolução das crianças, ou seja é indispensável o educador realizar a avaliação diariamente, pois sem esta não poderá entender a evolução do seu grupo, assim como não poderá realizar uma melhor intervenção educativa para o mesmo.

Fisher (2004) refere que não vale a pena levarmos a avante a avaliação se não fizermos nada com ela, ou seja, se esta é feita deverá ser usada, não só para nós próprios como também para a criança, para que a nossa prática vá ao encontro das crianças.

As observações são extremamente importante para o educador assim como para a estagiária. Deve-se observar para conhecer as capacidades, dificuldades e interesses não só do grupo como também da criança na sua individualidade.

As observações foram relatadas em registos diários, ou diários de bordo, tendo o primeiro o nome habitual neste contexto de estágio, é um instrumento utilizado onde é possível registar toda a manhã de estágio. Podemos registar e/ou descrever a manhã, desde as rotinas até às atividades. Para além disso, é possível refletir sobre toda a prática realizada. Através desta reflexão podemos mudar a nossa prática de forma a que consigamos alcançar os interesses das crianças, assim como resolver problemas que possam surgir.

Como Cardona (2007) refere “a avaliação, como função característica do professor, consiste, basicamente, na reflexão sobre o processo educativo...” (p.10).

Para poder fazer uma avaliação do grupo, como também de cada criança em particular, elaborou-se uma check-list geral no início do ano, contemplando as áreas principais, assim como as competências.

Este instrumento de avaliação, foi construído com base nas MA (2010), assim como nas OCEPE (2002).

Tendo em conta a faixa etária do grupo, 3 anos, foi concebida uma grelha abordando todas as áreas, domínios e sub- domínios. Desta forma, apresenta-se uma lista de competências que já foram algumas adquiridas e outras que ainda estão em aquisição.

Ao longo do ano foi também realizado uma outra check-list em todas as sessões de estágio. Sempre que é realizado uma atividade, esta grelha surge como forma de avaliação com as competências propostas para essa mesma atividade.

5.1. Avaliação do grupo

Para esta caracterização final foi tido em conta essa mesma check-list e uma outra nova, onde se acrescentou mais algumas competências que se observaram e trabalharam (ANEXO L).

No que diz respeito às regras, nota-se alguma evolução, pois faz parte da área de intervenção apresentada, e tem vindo a ser trabalhada diariamente. No tapete, colocam o dedo no ar quando querem falar esperando, desta forma, pela sua vez para falar. Acontece algumas vezes crianças falarem umas por cima das outras, mas quando é pedido para falar um de cada vez, automaticamente o grupo põe o dedo no ar e espera que a palavra seja solicitada. Os brinquedos, por vezes têm de ser lembrados às crianças para guardá-los, mas já não é tão usual como era anteriormente, visto que inicialmente todos os dias era pedido para que guardassem os brinquedos na respetiva gaveta. No atelier, já todos colocam a mão debaixo do pincel e não misturam as cores, mostrando com isso algum cuidado em respeitar as regras. Visto que era referido constantemente para arrumarem as cadeiras, isso já não se verifica agora, tornando-se algo autónomo quer na aula, quer no refeitório.

Mostram entusiasmo e interesse em realizar as atividades propostas, começando e terminando-as.

A nível da linguagem estão dentro do esperado para a faixa etária, ou seja, todos conseguem construir frases complexas e coerentes, à exceção de duas crianças que ainda demonstram alguma dificuldade na articulação de palavras. Percebem a informação que recebem por parte do adulto, dialogam com o adulto ou com outra criança. Gostam de participar nas conversas de tapete, respondendo ao que é perguntado. Mostram muito interesse em verbalizar e partilhar as suas vivências.

Revelam uma grande autonomia, vão sozinhos à casa de banho onde efetuam a sua higiene, vão para o refeitório e para o ginásio sozinhos, apenas com a educadora e auxiliar a acompanhar. Nas refeições comem sozinhos, havendo alguma evolução de algumas

crianças que não precisam nem procuram o adulto para ajudar nas refeições. Já utilizam mais vezes os talheres, pois anteriormente apenas usavam o garfo e a mão. Apesar de ainda precisarem de uma supervisão e de uma lembrança, por parte do adulto, para usarem a faca. Conseguem por norma vestir e despir o bibe sozinhos, às vezes apenas é preciso ajudar a desapertar os botões quando eles demonstram dificuldade, com a exceção de três crianças que esperam pela ajuda do adulto.

Ainda demonstram algum egocentrismo, tendo alguma dificuldade em partilhar brinquedos. Apenas foi observado no recreio a dificuldade de partilha pelo mesmo brinquedo, o balancé, todos gostam muito de brincar e existem umas pequenas discussões quando não conseguem resolver o problema, tal como foi observado inicialmente, este aspeto ainda continua.

Gostam muito da atenção do adulto, mas ainda têm alguma dificuldade em relacionar-se com as outras crianças, no sentido em que, procuram o adulto para resolver os seus problemas.

5.2. Reflexão Crítica

Fazendo uma retrospectiva ao longo do percurso do estágio este foi experienciado e vivenciado muito intensamente. Houve alguns problemas de incompatibilidade com o método que a educadora usava, pelo que foi difícil implementar algumas atividades. Este aspeto foi ultrapassado. Problemas esses que se deveram ao facto de a educadora não usar atividades demasiado estereotipadas, e, por vezes, existiram algumas atividades iniciais com este aspeto negativo. No final, aprendeu-se e superou-se, pois foi necessário encontrar estratégias para poder implementar as atividades da melhor forma, indo ao encontro da metodologia do colégio e às necessidades do grupo e de cada criança. Podendo assim concluir que, a nível pessoal foi uma aprendizagem enriquecedora, pois foi possível superar todos os obstáculos que apareciam. Aprendeu-se uma nova metodologia, que não tinha sido vivenciado em outros locais de estágio. A postura adotada foi de sempre estar ao alcance do grupo e de cada criança, encontrando estratégias para ajudá-las a superar alguma dificuldade que pudesse aparecer. Mas é perceptível que ainda é preciso melhorar bastante, por exemplo, nas crianças que precisam de algum acompanhamento individual, é necessário a presença constante para que eles ultrapassem as suas dificuldades, por vezes, a nível de estágio, visto que só eram realizadas três manhãs por semana, existia alguma

dificuldade em gerir estas lacunas com estas crianças, pois apesar de se perceber que estas crianças em questão precisam de acompanhamento, não era possível deixar as restantes sem acompanhamento. Este facto é algo que ainda precisa de ser trabalhado e para o qual se pretende melhorar ao longo da prática profissional.

A relação com o grupo de crianças sempre foi muito boa, a nível de afetos e de aprendizagens. Pois foi sempre tido em conta as suas necessidades, para que todos alcançassem o que era proposto nas atividades. É notável uma grande evolução das crianças desde o início até este momento, desde atividades que foram realizadas inicialmente e as mesmas que foram realizadas no final do estágio.

A nível da problemática encontrada inicialmente, sendo esta as regras no JI, onde existia alguma dificuldade na aquisição e no cumprimento das mesmas, foram criadas atividades ao longo do estágio, através da elaboração de uma PCA, desta planificação constou algumas das atividades propostas a nível da problemática e a nível do projeto curricular de sala. Não houve muitas atividades direcionadas para esta área de intervenção, visto ser uma área transversal, ou seja, estas regras eram trabalhadas diariamente em contexto de sala, atelier, recreio, refeitório, etc.

No final do estágio percebeu-se que com as atividades propostas e conversas de tapete, o grupo já tem estas regras bem adquiridas, existem às vezes algumas lacunas, pois por vezes esquecem-se, mas logo se recordam e mencionam-nas. Por exemplo, quando estamos numa conversa de tapete e começam todos a falar, há sempre uma criança que se lembra e coloca o dedo no ar. Assim que é feito um reforço positivo automaticamente as restantes crianças colocam o dedo no ar e esperam pela sua vez para falarem. É de salientar que as regras foram sempre conversadas e construídas com eles, tal como, foi proposto inicialmente, visto que era importante as crianças participarem nesta construção.

Em relação ao percurso profissional da estagiária ao longo dos quatro anos de curso, licenciatura e mestrado, foi bastante importante. Houve a oportunidade de estagiar e conhecer várias realidades de ensino, através do meio social onde estava inserida e das metodologias utilizadas em cada instituição, como já foi referido anteriormente onde se sentiu mais dificuldade foi na instituição onde se realizou o estágio este ano, pelas razões já mencionadas.

5.3. Resultados

Neste ponto iremos fazer uma avaliação em contexto de estágio, quer na área de intervenção quer na prática no geral. Para tal foi tido em conta os Padrões de Desempenho Docente (PDD) (2010).

Este documento está estruturado em quatro dimensões, sendo estas a Dimensão Profissional Social e Ética, Desenvolvimento do ensino e da aprendizagem, Participação na escola e relação com a comunidade educativa e, por fim, Desenvolvimento e formação profissional ao longo da vida e servem para orientar o educador ao longo da sua prática.

A dimensão que mais se encaixa é o Desenvolvimento do ensino e da aprendizagem que engloba três aspetos fundamentais, planificação, operacionalização e regulação do ensino e aprendizagens. A planificação implica uma orientação estratégica da ação, deverá existir coerência e articulação com as diversidades e necessidades dos alunos. A operacionalização envolve rigor e eficácia na organização das atividades planeadas. A regulação envolve uma análise ou reflexão das atividades realizadas, de forma a que se possa melhorar o ensino e os resultados que se obtém deles.

Como foi apresentado ao longo do relatório, após a fase de observações, conhecimento do meio, instituição, sala e grupo, foi possível realizar uma prática que fosse ao encontro das necessidades do grupo e de cada criança. As planificações eram realizadas com rigor e cuidado para que acima de tudo desenvolvessem as competências propostas. Numa fase posterior às planificações era realizada uma reflexão diária onde era possível refletir sobre essa mesma prática, nomeadamente o que correu bem ou mal, e o que podia ser melhorado.

De uma forma geral, todo este processo correu da melhor forma possível. A nível da área de intervenção o grupo alcançou o que foi proposto, pois as regras foram adquiridas, como foi referido, como compreendidas e não como impostas. Foi notável em conversas de tapete, sempre que o grupo estava desatento e começava a conversar, foi adotada a estratégia de parar a conversa sem que eles se apercebessem. Depois de algumas vezes de ser utilizada, havia sempre uma criança que dizia, “*Podes continuar Cátia!*”, percebendo assim que já sabiam que sempre que o adulto parava de falar, era porque não podiam continuar a conversar uns com os outros. Outra estratégia utilizada, foi do reforço positivo, por exemplo, quando era feita uma pergunta, havia sempre uma criança que colocava o dedo no ar sem que fosse pedido. Perante esta situação, era dado um reforço positivo, “*Muito bem MC, colocou o dedo no ar, pode falar!*”. Os restantes colegas lembravam-se e

automaticamente também colocavam o dedo no ar, aguardando que lhes fosse dada a palavra.

A nível das restantes áreas de conteúdo, o objetivo também foi alcançado, pois desenvolveu-se todas as áreas. Se houvesse mais tempo, podia-se ter desenvolvido as áreas que não foram muito desenvolvidas, como a dança. Outra área em que houve dificuldade foi na motricidade fina, nomeadamente no corte com tesoura. No final da prática ainda se observou algumas dificuldades por parte de três crianças.

A nível da postura, foi sempre a mais indicada pensando sempre em estratégias para que a aprendizagem e a forma em que se apresentava o tema ou atividade fosse motivante para cada um. Uma das maiores lacunas, foi a falta da diferenciação pedagógica, no sentido em que havia duas crianças que necessitavam de um acompanhamento mais individualizado, e devido à gestão de tempo nem sempre era possível fazer esse acompanhamento havendo dificuldade em acompanhar estas duas crianças e o restante grupo. É importante referir que segundo De Corte (1990), Diferenciação é um conjunto de medidas que têm como objetivo adaptar o processo de ensino-aprendizagem às diferenças importantes que existam nos alunos, para que cada um possa atingir os seus objetivos a nível da aprendizagem.

6. Conclusão

Como foi referido na introdução, o estágio é uma etapa muito importante na vida profissional do estagiário. É nesta fase que aprendemos e praticamos toda a teoria que foi ensinada ao longo da licenciatura e mestrado.

Ao realizar este relatório foi possível perceber certos aspetos que anteriormente não estavam tão claros. Aspetos esses que devido à construção e, essencialmente, à pesquisa de bibliografia de diversos autores ajudou a perceber um pouco melhor a prática educativa.

É perceptível que a construção deste relatório é bastante enriquecedora. A informação foi toda sistematizada e pertinente. Através desta conseguimos fazer uma avaliação global de toda a prática educativa, englobando a avaliação das crianças, atividades, estratégias e estagiária.

Visto que, de uma forma geral, os resultados foram positivos, podemos concluir que as atividades e estratégias foram adequadas. Foi através destas que toda a prática se desenrolou, no sentido em que o verdadeiro objetivo foi a de planificar a ação de acordo com as necessidades do grupo e de cada criança individualmente. Mesmo a nível da área prioritária o resultado foi positivo. Mesmo até ao último dia de estágio o grupo ainda se recordava de todas as regras que foram trabalhadas em conjunto. O facto de terem sido trabalhadas desta forma foi realmente bastante enriquecedor, quer para o grupo quer para a estagiária. Como foi referido anteriormente a verdadeira intenção era trabalhar as regras em conjunto, pois desta forma é perceptível para a criança perceber se está a agir corretamente ou não.

Apesar de ter sido um estágio enriquecedor é importante referir que muito ainda há para aprender. Esta é uma área onde o educador deve estar sempre em plena formação. E uma das formações insere-se na âmbito da diferenciação pedagógica, visto ter sido este aspeto onde se verificou algumas lacunas. Como é revelado nos capítulos anteriores, a lacuna identificada, foi devido ao facto de não ter havido oportunidade em acompanhar as duas crianças que necessitavam mais do adulto.

Podemos assim concluir que como foi apresentado anteriormente a aquisição de regras foram adquiridas pelo grupo, e tal como foi proposto inicialmente, estas foram adquiridas não como impostas. Sempre que estas eram mencionadas existia uma conversa sobre se essa ação era correta ou não.

7. Referências Bibliográficas

- Cardona, M.J, (2007). *A avaliação na educação de infância: as paredes das salas também falam! Exemplos de alguns instrumentos de apoio*. Cadernos de Educação de Infância, 81, 10-15;
- Cardona, M, (2006). *Educação de Infância, formação e desenvolvimento profissional*. Coleção análise da ação educativa. Edições Cosmos;
- Decreto Lei nº. 241/2001, 30 de Agosto (2001). *Perfil específico de desempenho profissional do educador de infância e do professor do 1º ciclo do ensino básico*.
- Estrela, A., (1994) *Teoria e Prática da Observação de Classes – Uma estratégia de formação de professores*. 4ª Edição, Porto, Porto Editora;
- Fisher. J, (2004) *Manual de Desenvolvimento Curricular para a Educação de Infância*. 1ª Edição, Texto Editora;
- Hohmann, M. & Weikart, D. P. (2009). *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian;
- Lei-quadro da Educação Pré-Escolar. Decreto-Lei nº. 5/97, 10 de Fevereiro de 1997;
- Lourenço O. (1992). *Psicologia do desenvolvimento moral, teoria, dados e implicações*. Livraria Almedina Coimbra;
- Ministério da Educação (2010). *Metas de Aprendizagem em Educação Pré-Escolar*. Departamento de Educação Básica;
- Ministério da Educação (2002). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Núcleo de Educação Pré-Escolar. Departamento da Educação Básica. Lisboa;
- Ministério da Educação (2010). *Padrões de desempenho docente*;
- Sprinthall N. & Sprinthall R. (1993), *psicologia educacional*. McGraw-Hill;
- Spodek, B. & Saracho, O. N. (1998). *Ensinando Crianças de Três a Oito Anos*. Porto Alegre: Artmed;
- Teixeira M. (1995). *O professor e a escola, perspectivas organizacionais*. McGraw-Hill;
- Vasconcelos, T (1997). *Ao redor da mesa grande. A prática educativa de Ana*. Coordenação de Júlia Formosinho, Volume 4. Porto Editora;
- Vinha, T. P. (2003). *Os conflitos interpessoais na relação educativa: problemas a serem resolvidos ou oportunidades de aprendizagem? Tese de Doutoramento*. Faculdade de Educação UNICAMP;

Wallon, H., (1975). *Psicologia e educação na infância*. Biblioteca de ciências pedagógicas. Editorial estampa.

Referências Eletrônicas

<http://especialprof.blogspot.pt/2008/10/diferenciao-pedaggica-na-sala-de-aula.html>,
acedido a 1 de Junho de 2013;

<http://www.infopedia.pt/pesquisa-global/disciplina>, acedido a 10 de Janeiro de 2013.

8. Anexos